

# SOLILÓQUIOS

*[The text in this block is extremely faint and illegible, appearing as a dense block of scribbled or very light handwriting.]*

**ORGANIZAÇÃO:**

**Edson Macalini | Katharine Nóbrega | Marta Martins**

SOLILÓQUIOS

## FICHA TÉCNICA

Desenho de capa: Marta Martins  
Edição e Projeto Gráfico: Katharine Nóbrega  
Produção: Edson Macalini

Grupo de Pesquisa: Articulações Poéticas - UDESC.

Esta publicação é fruto de parcerias institucionais que envolvem os respectivos projetos e coordenadores:

Formas de narrar: Entre desenho, fotografia e escrita - coordenado pela professora Dra. Marta Lúcia Pereira Martins do PPGAV/UDESC. Florianópolis/SC;

Deslocamentos múltiplos: experimentações híbridas em publicações de artistas - coordenado pelo professor Me. Edson Macalini do CARTES/UNIVASF. Juazeiro/BA.

### Dados Internacionais de Catalogação - CIP

S686 Solilóquios / Aionara Preis...[et al]. Organização Edson Macalini, Katharine Nóbrega, Marta Martins . – Ilha de Santa Catarina: [s.n.], 2020.

139p.:il. PDF.

Inclui bibliografia.  
ISBN 978-65-88648-35-3

1. Miscelânea. 2. Solilóquios. 3. Antologia. 4. Arte - expressão. 5. Arte - literatura. I. Título. II. Preis, Aionara. III. Moraes, Anna. IV. Paul, Bárbara. V. Ferro, Carlos. VI. Macalini, Edson. VII. Dezgeniski, Elenize. VIII. Baptista, Janaina. IX. Brolhani, Joanna. X. Braga, Jonathan. XI. Nóbrega, Katharine. XII. Serpa, Leandro. XIII. Pessoa, Leila. XIV. Haines, Letícia. XV. Honorio, Letícia. XVI. Oliveira, Luanda de. XVII. Reginatto, Luiza. XVIII. Martins, Marta. XIX. Calderan, Odete. XX. Oliveira, Priscila Costa.

CDD 702

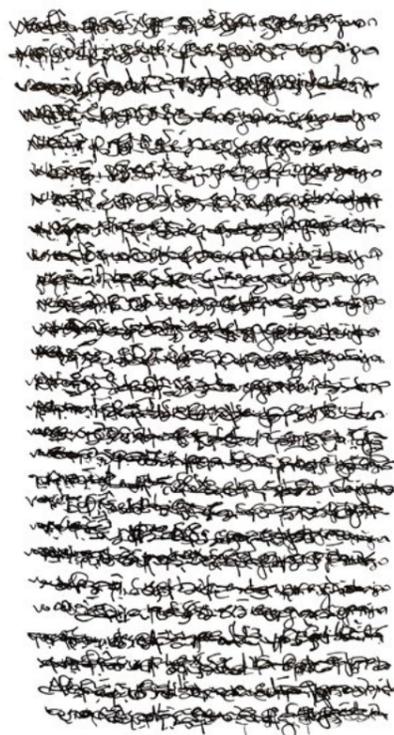
Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UNIVASF.  
Bibliotecária: Louise Machado Freire Dias CRB – 4/2267.

# SOLILÓQUIOS

## ORGANIZAÇÃO

**Edson Macalini**  
**Katharine Nóbrega**  
**Marta Martins**

**ILHA DE SANTA CATARINA**  
**2020**



**LISTA DE AUTORES**

- Aionara Preis
- Anna Moraes
- Bárbara Paul
- Carlos Ferro
- Edson Macalini
- Elenize Dezeniski
- Janaina Baptista
- Joanna Brolhani
- Jonathan Braga
- Katharine
- Leandro Serpa
- Leila Pessoa
- Letícia Haines
- Letícia Honorio
- Luanda de Oliveira
- Luiza Reginatto
- Marta Martins
- Odete Calderan
- Priscila Costa Oliveira

*“Conheceremos aqueles que tornaram possível o romance da sociedade secreta mais alegre, volúvel e amalucada que jamais existiu: escritores embriagados de tanto café e tabaco, livres e delirantes heróis dessa batalha perdida que é a vida, amantes da escrita quando ela se transforma na mais divertida e radical experiência.”*

**Enrique Vila-Matas**  
(História Abreviada da Literatura Portátil)

APRESENTAÇÃO | **13**  
Marta Martins

CAP. 01 | Aionara Preis **19**  
RETRATO FALADO

CAP. 02 | Anna Moraes **25**  
O TEMA DA ARTISTA SÃO EMOÇÕES E IDEIAS

CAP. 03 | Bárbara Paul **31**  
A MEMÓRIA É PELUDA E O PRESENTE É PELADO

CAP. 04 | Carlos Ferro **37**  
DESENHE COMO SE LÊ

CAP. 05 | Edson Macalini  
CORRE O RISCO AO RABISCAR **43**

CAP. 06 | Elenize Dezgeniski  
DESFAZER-SE COMO SAL NA ÁGUA **49**

CAP. 07 | Janaina Baptista  
RAÍZES **55**

CAP. 08 | Joanna Brolhani  
(O QUE ENTREGUEI À ÁGUA) **61**

CAP. 09 | Jonathan Braga  
O INQUILINO **67**

CAP. 10 | Katharine  
GOSTAVA DE INVENTAR **73**

CAP. 11 | Leandro Serpa  
TYUCO: O QUE O MAR DEVOLVE **79**

CAP. 12 | Leila Pessoa  
FACA NA MANTEIGA **85**

CAP. 13 | Letícia Haines  
ELE MORREU NA PRAIA **91**

CAP. 14 | Letícia Honório  
NARRATIVAS DE OUTROEU **95**

CAP. 15 | Luanda de Oliveira  
(SOBRE O CALENDÁRIO, ANTES QUE EU ME ESQUEÇA) **101**

CAP. 16 | Luiza Reginatto  
DIAS AZUIS **105**

CAP. 17 | Marta Martins  
SUPER-AÇÕES **111**

CAP. 18 | Odete Calderan  
NO ENTORNO NO CONTORNO **117**

CAP. 19 | Priscila Costa Oliveira  
[DES]NARRATIVA FAMILIAR **123**

ARTISTAS **129**

BIBLIOGRAFIA **137**

## APRESENTAÇÃO | MARTA MARTINS

Em decorrência da pandemia da Covid-19, boa parte de 2020 nos levou a um isolamento que obrigou muitas pessoas a manterem contato social e de trabalho por meio dos aplicativos de Internet. A rede que se amplificou, sem lei e sem ordem, permitiu a todas as vertentes ideológicas, expressões para além da ética. A Internet e seus aplicativos são um território livre e densamente povoado por conflitos, paradoxos e disputas narrativas para o bem e para o mal. É um território da normatização das *fake news* e dos fanatismos cegos, mas também é solo de resistências ético-políticas. Assim, essa nova realidade impõe a coexistência de pautas antagônicas e se por um lado, vemos afirmações das potências do desejo tais como esperança e resistência, a valorização da vida, da arte, da cultura e dos direitos humanos, por outro, vemos a pura pulsão de morte: banalização e normatização da violência, desvalorização da existência, preconceitos liberados e o reacionarismo político a postular: “liberdade de expressão” - um grito de guerra paradoxal, utilizado por radicais de extrema direita que subverte e contamina

o significado intrínseco dessa expressão. Vivemos num tempo de incertezas, onde conquistas históricas se veem ameaçadas a cada dia, seja pela falta de vínculo social, pelo obscurantismo, seja pelo negacionismo científico e pela ignorância (no sentido mais estrito da palavra). Há uma afirmação de incessantes disparos de teorias conspiratórias causadoras de perturbação no mínimo sentido coletivo, sobre os regimes de realidade e de invenção. A falsificação de dados e notícias com teor de manipulação, leva a pensar algumas bases constitutivas do regime da linguagem e da própria ficção. E na ficção contemporânea pode-se encontrar num fio que corre paralelo aos formatos provisórios submetidos à historicidade do momento, indícios de uma insubordinação presente na forma como ela vai se delineando no cruzamento com a vida em suas consequências extremas do presente. Nesse contexto, como voltar a pensar sobre o papel das artes e da escrita ficcional neste tempo conturbado? Como devolver potência civilizatória à ficção num mundo perversamente dominado por uma bárbara perturbação na realidade? Neste mundo sem balizas nem limites, a partir da disciplina que ministrou no curso de pós-graduação em artes visuais do Ceart-Udesc, *Formas de narrar, entre imagem e escritura*, consideramos importante pensar a ficção contemporânea em imagens visuais e literárias do presente. A partir daí demos um enfoque especial ao conceito de “procedimento”, uma invenção literária de Raymond Roussel, como uma potência e uma forma possíveis de se pensar a criação literária contemporânea, dar contornos e criar laços sociais dentro e fora do espaço literário. Tratamos de refletir o debate da produção ficcional à luz de algumas ideias concebidas por Roussel e, posteriormente por alguns escritores de ficção e ensaístas que se debruçaram sobre sua obra. O campo teórico que analisou a ficcionalidade moderna (dos formalistas russos à Foucault) havia aderido

em algum momento, ao conceito de que a linguagem é um saber que desconhece a si mesmo, de onde provém a ideia de que a ordem narrativa ficcional se colocaria como um elemento neutro, devido a indeterminação e autonomia da linguagem. Deste modo a pulsão criativa não se daria pela busca de um objeto específico, mas pelo prazer de permitir à linguagem a sua própria manifestação. Mas também nessa chave de leitura, a ficção moderna muitas vezes criaria um determinado procedimento – tendo como propósito trazer à tona as manifestações possíveis da linguagem, e a revelação dessa busca aderida à obra, ou seja: a obra em si é a criação do procedimento. E se a obra é a criação do procedimento, ela explicita a revelação do segredo sobre como ela se constituiu. Dito de outra maneira, trata-se de fazer de conta (no sentido de simular), que se pode narrar incluindo na própria narrativa, a maneira (também simulada) pela qual se está a narrar. Estas indicações que a todo o momento revelam o “segredo” da fatura podem ser observadas ao longo das *Ficções borgeanas* e sua ênfase na moldura na qual a narrativa está circunscrita. As fábulas, por sua vez haviam tradicionalmente enfatizado o trabalho do conteúdo por serem uma ampla manifestação da ordem imaginativa. A ficção é um regime de verdade, no sentido em que manifesta o caráter duplice de qualquer expressão, já que na escritura e nas artes visuais as obras são e não são, a um só tempo, e em distintas modulações, a “coisa” que tratam de representar. E mesmo quando uma determinada criação ficcional literária ou visual, está longe de operar no regime representativo - e as manifestações vanguardistas contribuíram para o desvinculo entre expressão e representação - a verdade do procedimento, se revela.

Em tempos de pandemia onde nossos corpos se utilizam de próteses para atuarem no campo da virtualidade, e onde a busca por regimes complexos no campo ficcional e narrativo,

como enfrentamento e resistência frente as milícias digitais e suas políticas (que incluem a barbárie ética e estética), o procedimento rousseliano e vanguardista, pode reencontrar onde aportar, na criação individual e coletiva do grupo de participantes da disciplina *Formas de narrar*, que foi ministrada em modo remoto.

RETRATO FALADO

para aprender simples rudimentos. Não tinha gosto nem talento. Depois de 10 anos de parasitismo, de passagem por Veneza, vendeu algumas obracinhas inacabadas que transformara em crônicas de baixo nível. Ele atribuiu os esboços a Da Vinci. Pouco a pouco, arriscou fazer cópias vulgares de célebres obras do mestre. Durante os últimos dez anos que Salai passou na intimidade do gênio, assim que este virava as costas, ele se metia a vender freneticamente e às escondidas painéis por ele feitos, como se fossem de verdade. De novo, era a fraude. E, em-se outra vez.

O drama aconteceu quando um um como outro acreditavam estar no abrigo de turbulências. Salai pensava ter conquistado para sempre seu lugar, quando outro mais talentoso, roubou seu lugar.

Um aluno que suplicava a Da Vinci que lhe transmitisse sua arte. Pouco a pouco Francesco Melzi (1491-1570) conseguiu reduzir a dimensão de Salai no coração do gênio.



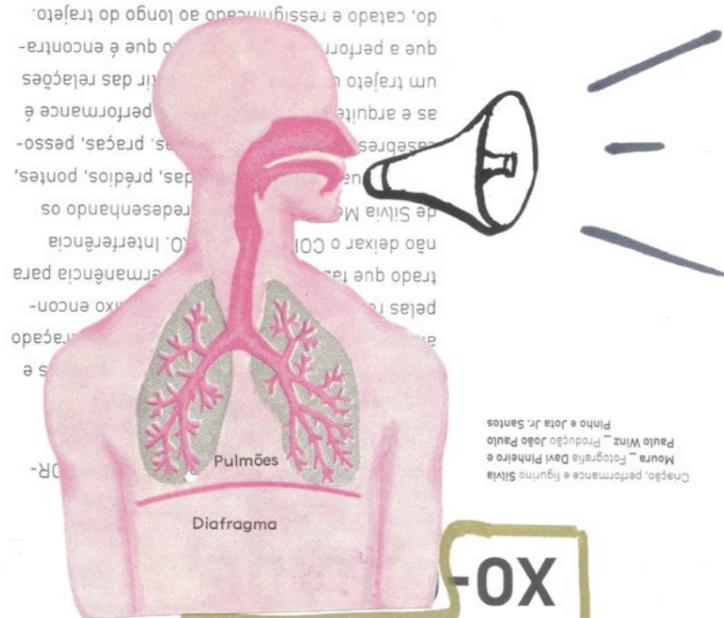
deixou Milão, rumou para Roma, onde foi maltratado pelos poderosos, principalmente pelo papa. Em Roma, ninguém desejava a melhor de todos os artistas, nem encomendas. Ele foi tratado como um pária. Nada lhe pediam. Foi pela primeira vez na vida que foi abateu seu conhecimento de mestre. O lugar estava ocupado por Melzi.

Salai abandonou Da Vinci quando este estava na pior fase da doença. Ninguém podia afirmar sobre viveria uma vida bem movimentada, para se beneficiar materialmente.

Salai continuou mediocrementemente seu pequeno tráfico de obras e foi contratado como ele nos anos seguintes. Melzi preparava os estudos.

**O CORPO -  
O ESPAÇO -  
A IMAGEM:  
ESTÍMULOS  
PARA CRIA-  
ÇÃO DE MO-  
VIMENTOS**

A oficina visa proporcionar aos alunos um contato com processos de elaboração de cenas a partir da criação de movimentos, utilizando o espaço urbano como estímulo para pensar o corpo e sua relação com a cidade e os espaços possíveis de atuação do ator/bailarino. // PBLICO-ALVO atores, bailarinos e interessados em geral (a partir de 16 anos) - CARGA HORÁRIA 8 horas - MINISTRANTE Silvia Moura - Nº MÁX. DE PARTICIPANTES 30



**CORPO-LI-  
XO-**

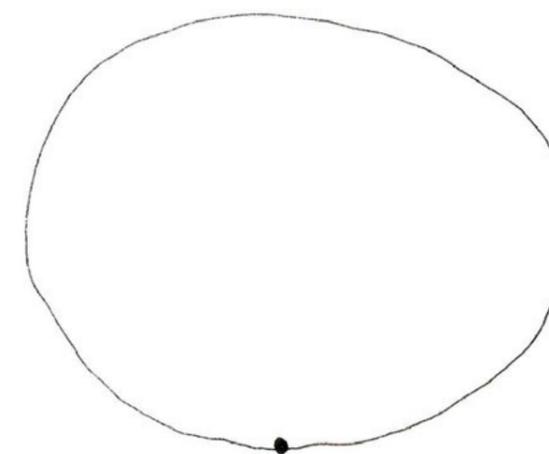
OU MINUTOS

Crápio, performance e figurino Silvia Moura - Fotografia Davi Pinheiro e Paulo Winz - Produção João Paulo Pinho e Jota Jr. Santos

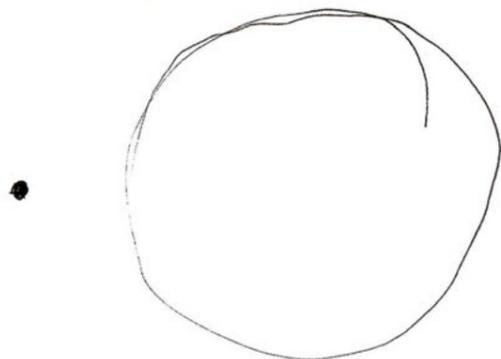




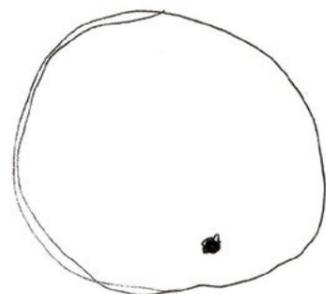
Anna Moraes **CAP. 02** |  
O TEMA DA ARTISTA  
SÃO EMOÇÕES E IDEIAS



*O tema do artista não é emoções e ideias*



Clara e mamãe, por Clara c/ 2 anos



contornos da mãe na constituição do ser

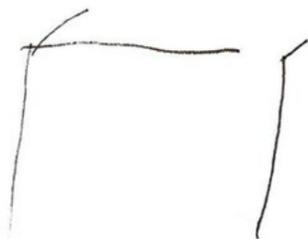


imagem muro

imagem furo



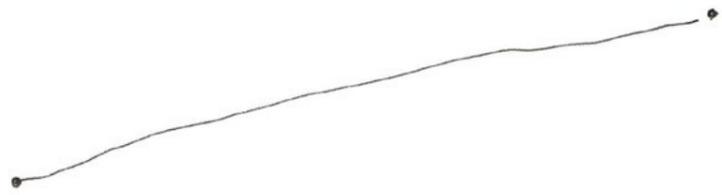
as anas do meu corpo. inquietas do meu corpo



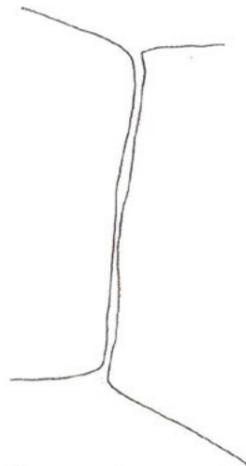
criar as regras do jogo



sempre jogo com as peças pretas



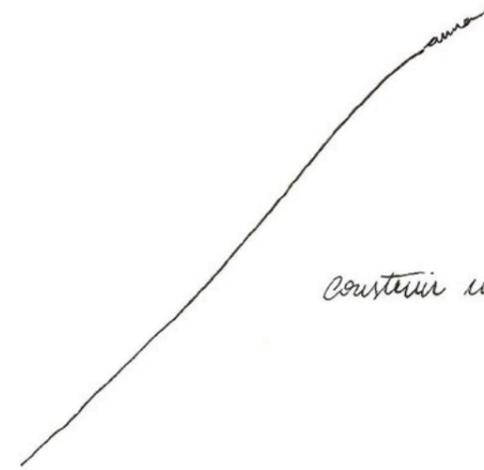
distância geográfica e o tempo das ações



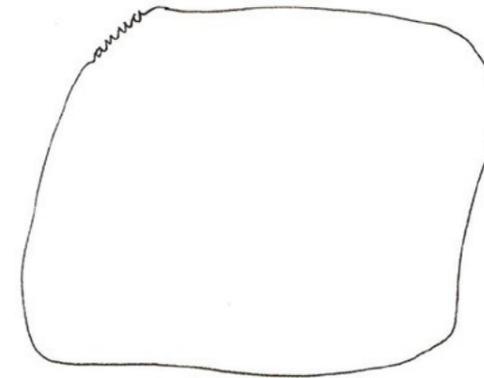
o entre lugar da criação



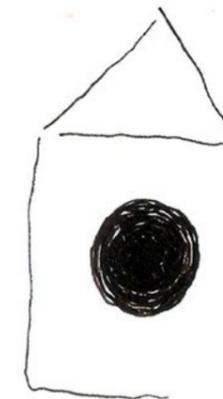
gargalos de estrangulamento da criação



constituir uma border



delimitar um terreno



definição de triteza para minha avó: a casa fica um buraco.

*Bárbara Paul* **CAP. 03** |  
A MEMÓRIA É PELUDA  
E O PRESENTE É PELADO





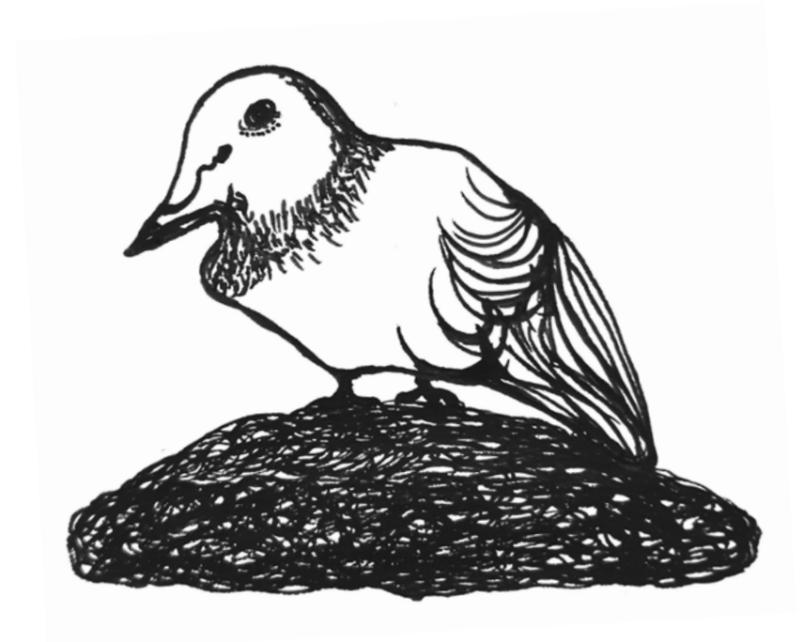


**PESO      CHEIO**  
**CARGA    MASSA**

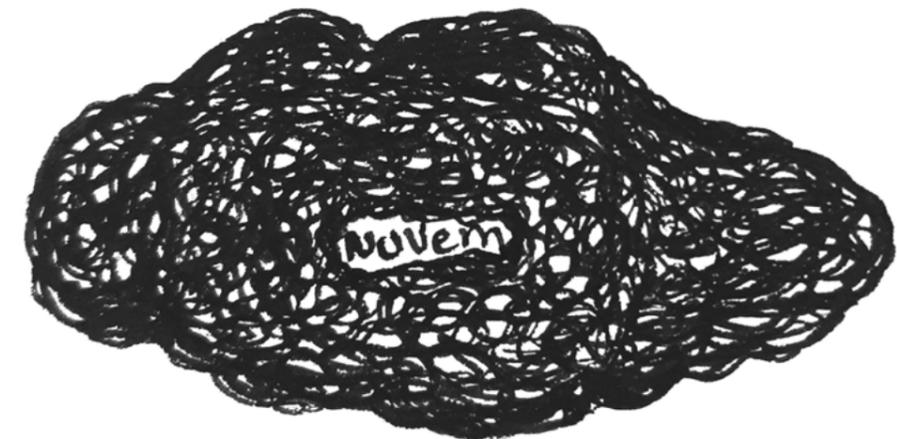


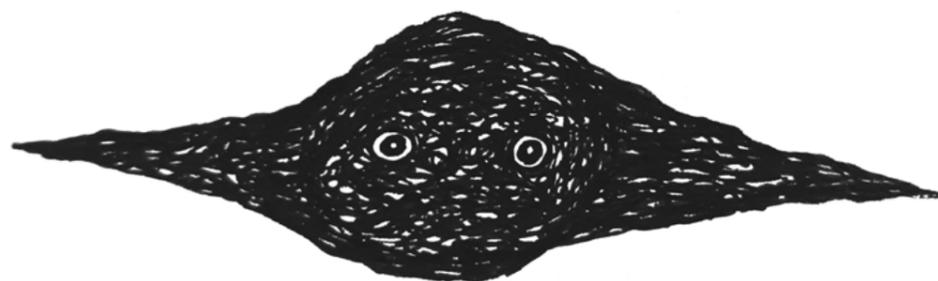


O pombo que aterrissou no parapeito do prédio velho e abandonado, sentiu-se fracassado em ser pombo, deixou a mata e as florestas, e foi viver na cidade. Mas, na cidade, o pombo fracassou em ser pássaro...



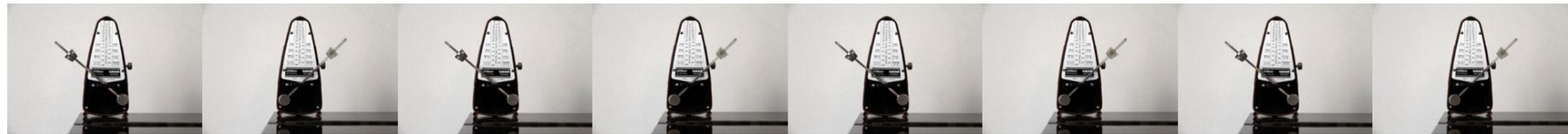
Caminho pela mata. No percurso, restos e destroços de casas, resíduos de fábricas, pedregulhos, entulhos de construções em alvenarias. Cores vermelhas, azuis, amarelas, se condensam no verde das sacolas de plásticos e plantas. O amarelo é ocre, marrom de terra, chão batido, natureza em destruição. Movimentos entrópicos. Aquilo que sai da terra volta para ela? A presença da cor branca. O que é branco na mata? Se não flores, pelos, plumagens, interiores de frutas, legumes, raízes? Não era nada disso. A cor branca se assemelhava ao algodão. Algodão doce, puro açúcar branquinho, como aqueles que saem de máquinas barulhentas em feiras e festinhas infantis. Se assemelhava também as fibras sintéticas dos travesseiros. Sim. Ao olhar rapidamente, a sensação ao virar as costas, era dizer: é isso mesmo. Mas pensamentos densos e complexos tem revirado e remexido meu inconsciente, outros caminhos me obrigaram voltar e analisar com cuidado. Era um acontecimento incontestável, suspeitei incorporar todas as ideias do lugar, não era sonho, era realidade, um pedaço de nuvem tentava se manter nuvem, recusava ser diluída pelo ar, não aceitava ser volátil, evocava simbioses entre céu e terra. E eu, presenciava diante de meus olhos, lição que a natureza me impunha. Se o céu cair na terra - nos tornaremos pássaros?





A nuvem encontrou o pombo. Pombo se encantou com a nuvem. Apareceu um ciclone subtropical. Levou nuvem. Levou pombo. Misturou nuvem. Misturou pombo. Nuvem e pombo desapareceram. Pombo nuvem? Nuvem pombo? Viraram redemoinho.







**Naquela manhã ele acordou, olhou-se no espelho mas não se viu. Tamanho era o seu espanto ao não reconhecer-se perante o velho e amigável espelho.**

**Tinha se transformado em um discreto vulto na parede que se camuflava junto aos espantados móveis da sala. A casa haveria se camuflado nele?**

**Pensava ele, que também tinha se transformado em pensamento.**

**E como todo o pensamento não era.**

**Olho para as mãos para não perder também a materialidade.**

**Pensava enquanto olhava pela janela.**



**Seus olhos em vidro**

**Boca entreaberta  
Nasceram raízes**

**Não. Deseja. Mais**

Uma e quarenta e quatro.  
Quase duas.  
Pouco se podia fazer naquele momento. Pouco se podia fazer.  
O melhor possível ali não consertaria as coisas.

Duas e quatro.  
Quase duas e cinco.  
Quase.  
Pouco se podia fazer naquele momento. Pouco se podia fazer.

aladeiradecasaavenidanodomingoospassosapressados  
omeiosorrisoapoiodacabeçaobeijonatestasmãosentrelaçadas

Duas e cinquenta e oito. Quase três.

Dor  
Dor  
Dor

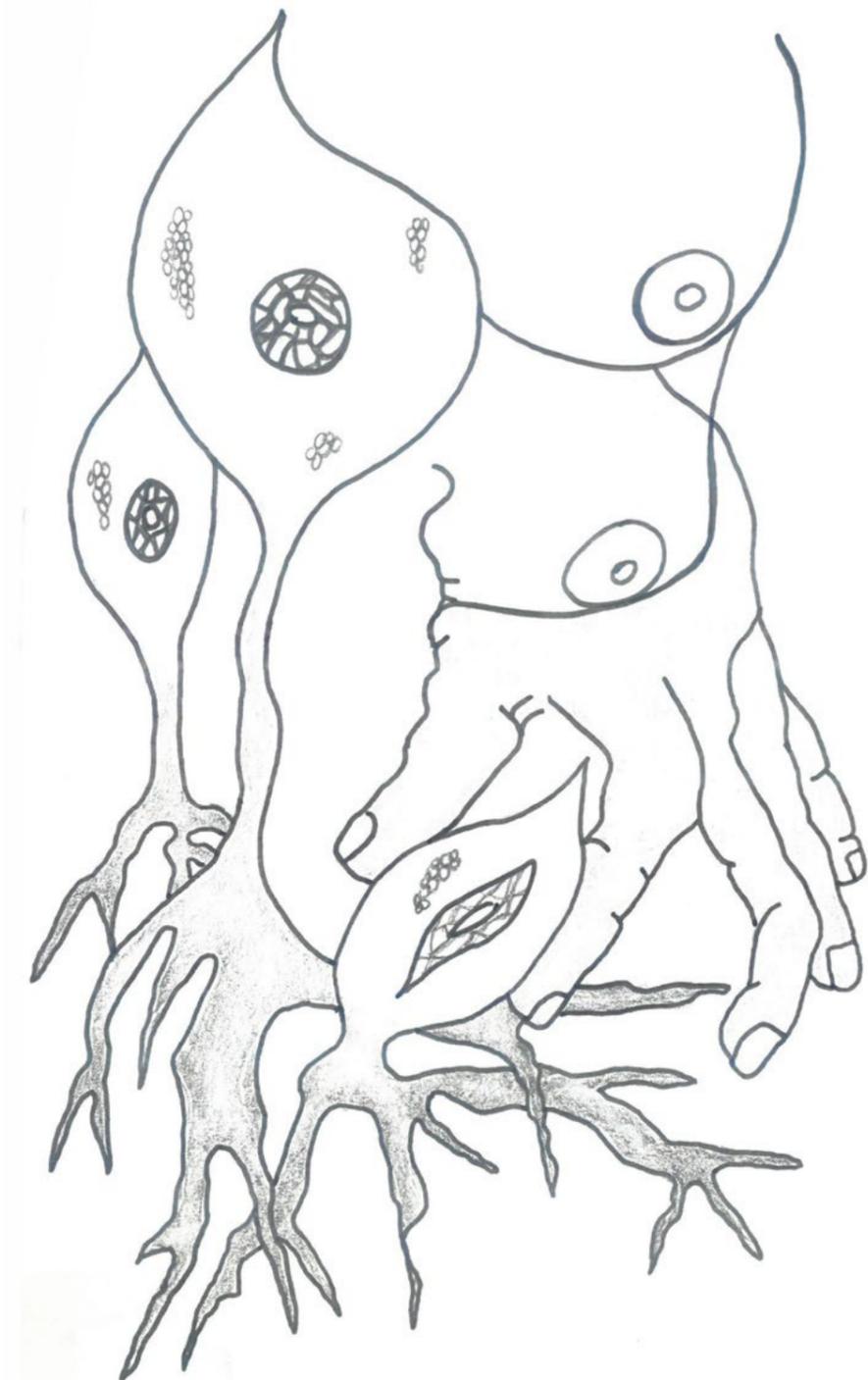
amulhergrávidaacriançadecoloamoçadevestidoencarnado  
asenhora detoucadecrochêoperfumedelavanda

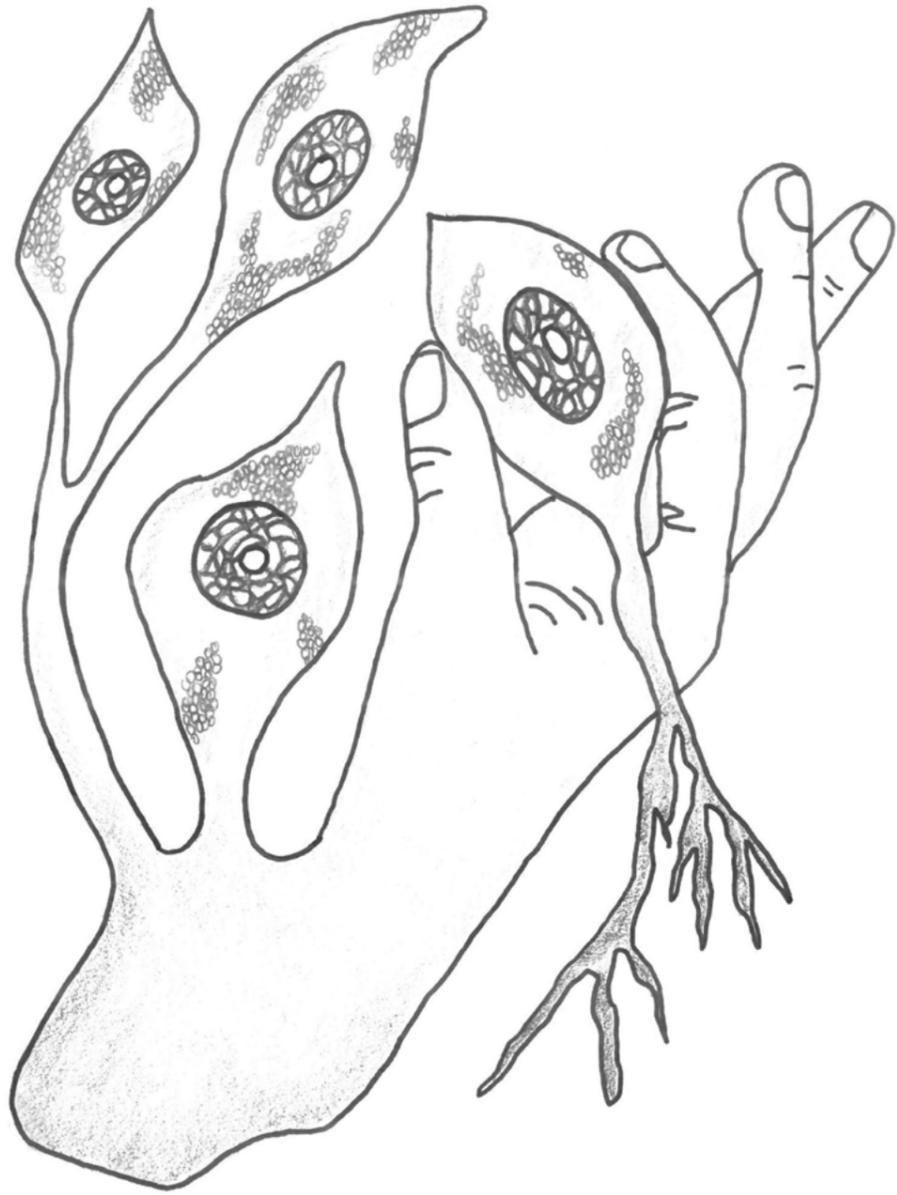
e então

amemóriadamãeaquelesolhostristesaquelasolidão  
osesquecimentosdelameudesalentoeumvaziosemfim

Dor  
Dor  
Dor

Três e doze.  
Quase três e quinze.  
Quase.  
O melhor possível ali não consertaria as coisas.





Joanna Brolhani **CAP. 08 |**  
**(O QUE ENTREGUEI À ÁGUA)**



- é claro que amanhã fará um dia bonito. mas vocês terão que madrugar.
- mas o dia não ficará bom.
- mas talvez fique bom, pelo menos espero.
- era essa a paisagem de que seu irmão gostava tanto.
- quão cedo é madrugar?
- ninguém vai à cachoeira, Bernard.
- talvez o dia fique bonito amanhã.
- mesmo que amanhã o tempo não fique bom, ficará melhor algum outro dia.
- ninguém vai à cachoeira amanhã.
- a caminhada não deve ser longa.
- você não está planejando ir à cachoeira, está?
- você tinha razão. amanhã vai chover.





caro Pablo,

evidente que Baudelaire chorava lágrimas pretas.  
tão pretas como nanquim, e sua escrita era a pura  
revelação do sal que o habitava, da areia que  
esperou e tornou-se pérola.  
minhas lágrimas não carregam cor, apenas sal.  
mas todo sal contém o mar, e quando transbordo  
em mar, perco uma sereia, quando perco a sereia,  
ela mergulha na praia e nada até encontrar a  
gruta de um novo sonhar. e canta canta canta  
até que, de novo, tiram-lhe o mar, e chora chora  
chora, e suas lágrimas endurecem e formam  
âmbar, e as lágrimas que não choram esperam em  
pequenos lagos.  
e é assim que se sabe que os sonhos não morrem.  
insistem em pulular.



nas seis semanas que viveu hoje,  
cinco passou pintando.  
uma passou sonhando que se fosse uma montanha,  
certamente surpreenderia a vizinhança com a erupção de lava,  
*da mais laranja, da mais furiosa*  
que poderia cuspir.  
*e o magma seria seu pólen.*  
*a tinta, sangue lunar.*

3h33, hora de caminhar.  
logo depois da última casa da costa viu a sereia à lua cantar.  
a lua aguardou a despedida do sol e à coruja decidiu confidenciar,  
a coruja sussurrou à árvore,  
e a árvore aprendeu o idioma dos céus e do mar,  
e nunca mais calou.

as abelhas fofocaram,  
as formigas fofocaram,  
as flores fofocaram e voaram e beijaram pássaro por pássaro e  
derramaram todo o pólen e  
corais despertaram e  
povos multiplicaram e  
algas dançaram e a sinfonia em sinestesia da sereia propagou,  
e nunca mais cessou.



o poeta pintava cadáveres, sim, senhor. o poeta pintava nuvens.  
o poeta pintava paredes, sim, senhor. o poeta pintava janelas.  
um belo dia o poeta pintou uma janela que [por sorte] não fechava.  
e pulou a janela, cuidando com o espelho quebrado.  
[não esqueça a jaqueta, vai chover!]  
e caminhou por treze dias naquela hora.  
e quando encontrou o vulcão perguntou:  
- o que irrita os vulcões que cospem fogo, frio e fúria?  
o vulcão adormecia.

e caminhou mais quase três luas e perguntou às rochas:  
- que sentimento vulcânico vocês fundiram?  
e a coruja teve a bondade de cochichar:  
- a pergunta está na praia.

o poeta caminhou mais duas luas e chegou à praia. quando o poeta viu o mar, o mar o viu de volta. e não sabia se deveria perguntar à areia? às conchas? às gaivotas? quando perguntou segredos às ondas, as ondas perguntaram de volta. entendeu que os golpes das ondas na rocha não desperdiçam o entusiasmo porque conduzem declarações até a areia e não há quem convença o mar a ser razoável, pois o batismo da razão nunca lhe coube. deixou as botas entre as rochas.

o poeta encontrou um canto para cantar com as cigarras. como se chama a serpente que sobe a árvore e floresce após seis anos no casulo? o entusiasmo do canto das cigarras foi tão forte que o poeta teve que voltar à praia. e quando sentiu de mergulhar foi atingido por todos os segredos, vieram com a primeira onda, alcançando seus pulmões e ventilando seus ossos. download em andamento. conchas passou a coletar.

o poeta sabia tudo de tudo. o poeta entregava tudo de tudo. naufrágio completo: era preciso deixar as roupas secarem na árvore. e quando todos os seus tecidos e fluidos e gases atingiram a transparência, já faziam cinquenta e dois dias. caminhou seguindo os sons de todos os segredos que vibravam. cessaram: as sereias engoliram tudo. o poeta era apenas poeta. apaixonado, encantado, sonhador. ouviu migalhas da cantoria e, no lago de espera das lágrimas doces, escreveu a carta. regou-se com orvalho [assim cultiva a esperança] e dormiu por três noites. despertou ao ouvir o luar cintilar e levantou e pôs-se a caminhar. descalço, despido, destino. e ao completar quatro luas entrou para repousar na gruta que chora, tudo ouve, tudo move, envolve, tudo acolhe, tudo aquece, tudo memoriza e ainda pulsa. pulsa. pulsa.

sempre soube: a acinesia da espiral da concha era a preparação de uma temporada de redemoinhos anímico-temporais, a agressividade apenas adiada, fugas dinâmicas planejadas.

olhe o tempo passando, azul da cor do mar. na sessão das dez, apenas velhas histórias.

é preciso dar um jeito, caro Bernard, a carta não foi enviada.

se encontra em nó porque somos um só.

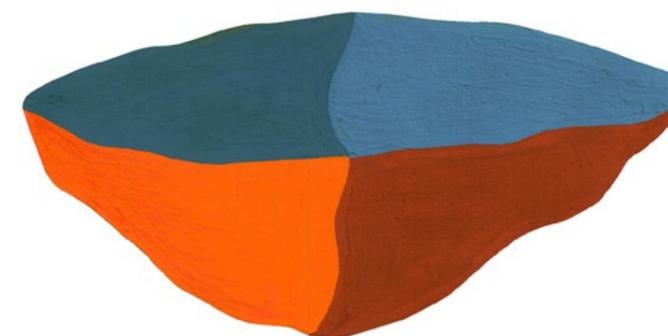
y cuando se muda el paisaje son tus manos o son tus guantes?

se morre, não sabe a quem perguntar a hora.  
[já se foram todos]  
o sol de hoje não é o sol de ontem, é outro fogo o seu fogo.  
Deus não habita a lua, mas a lua nos habita.  
[não conta as horas]  
a água da queda  
era o sangue que corria no vale onde crescemos,  
era o urucum que marcava,  
era o nanquim que chorava.  
aqui? ser. sujeito? estar.  
sem roupas,  
sem peles,  
a dança transfere os desenhos  
músculo por músculo  
célula por célula  
água  
VIVA  
alga rodopiante  
habitante  
viajante  
INQUIETANTE  
pulsante

# FÚRIA



navegante.



Atualmente há um sujeito que habita o espaço do meu corpo. Cobra-me manutenções infindas. Hora, uma infiltração que rompe as camadas de pesado concreto invade sonhos tranquilos e me exige habilidades que não encontro nos tutoriais da internet. Nesses momentos, em que o dia dorme

profundamente, viro-me com as ataduras que se encontram às mãos: a massa corrida ressecada nas prateleiras do armário-oficina; a fita crepe de múltiplas pontas; a linha que não encontra o furo da agulha. Apesar de em vão, demonstro um interesse ingênuo por ajudar. Sempre disposto a manter o conforto desse sujeito que cobra e cobra-me, cedo por solidariedade à minha incapacidade do momento em dizer “não”.

Hora outra, a ventania inesperada destelha os cômodos mais íntimos deste espaço habitado e alugado. A escada bamba do porão auxilia-me a conseguir o equilíbrio necessário para reaver o incidente. Na função de explorar a estrutura protetora daquele espaço, encontro ninhos abandonados, carcaças de animais esquecidas pelo tempo, folhas de outras estações. Quebro algumas telhas com o pesar das minhas boas intenções na certeza de que amanhã uma nova necessidade surgirá. E estarei atento.



Certo dia dediquei-me a espiar o sujeito que temporariamente habita meus espaços. Mal sabia ele que guardo no armário da biblioteca as cópias das principais portas da residência que está por habitar. Não sabia, não sabe, não saberá! Tenho segredos que não ousa testemunhar nem nas minhas mais profundas preces. O fato é que um raio de inquietação abateu-me às quinze horas de uma calorosa tarde: precisava ver o que continha o interior de seu criado-mudo.

Por mais estranho que possa parecer a relação dos nomes com as coisas, a mobília em questão pouco de mudez contém. Seu interior pode revelar situações que é melhor sempre se precaver. Companheira íntima e confiável das aventuras profundas, compõe um par no território quarto. Sobre ela, suportamos os livros-portais daqueles lugares cujos momentos tanto nos assombram quanto possibilitam o mais celestial prazer. Os sonhos compõem as características mais sinceras do retrato de uma pessoa. Conhecer, portanto, o lugar em que tal medonho ou comovente teatro acontece poderá trazer pistas sérias sobre os sujeitos que habitam espaços alheios. Justifiquei-me.

Dados os argumentos, assim, neste traquejo de curiosidade perturbadora, pé ante pé, com a respiração suspensa, encaminhei a chave reserva na fechadura do imóvel que um dia foi – e pela força da materialidade mundana, ainda é – de minha valia. Silenciosamente, fiz o possível para que a chave mal encostasse nos limites do buraco que lhe é de direito, mesmo com a certeza de que em tal hora do dia ninguém encontrava-se do lado oposto daquela velha e frágil porta dos fundos. Suava, nervosamente. Ao primeiro intento de virá-la, no entanto, logrou a impossibilidade. O sujeito, atual inquilino de meu espaço, havia trocado a fechadura. Suspirei aliviado. Continuará sem saber de quem se tratava afinal aquele quarto cujos sonhos um dia foram meus.



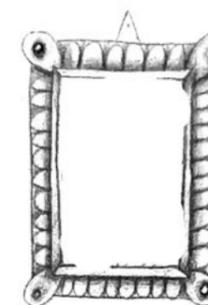
Nas últimas semanas revirei o arquivo de fotografias do meu acervo pessoal. Nele, encontrei situações desagradáveis para a atualidade do momento: estados de ânimos que deixam transparecer certa ingenuidade diante da existência. Por entre sorrisos que já não percebo próprios, muitas imagens deste incômodo acervo foram contextualizadas naquele espaço, cujo inquilino cobra-me reparos constantes e pouco permite aproximação. Cenas mudas, olhares que não definem uma observação, atentos a um tempo por vir, incerto.

Na vagueza desta memória que hora me fita, reestabeleço as forças necessárias para definitivamente me desfazer das inquietações que me roubam energia desde as últimas semanas. Guardei novamente o arquivo de fotografias no lugar de origem, certo da segurança de sua permanência, e antecipei-me a escrever a carta de despejo que me garantiria reaver aquele velho cenário povoado por importantes ficções. Contudo, quando do princípio de qualquer escrita epistolar, naquele momento seguinte após o endereçamento do destinatário, o eco solto das intenções primeiras não ressoaram em palavras.

Na folha que agora amarela sobre a mesa da escrivaninha, acima de um pesado espaço em branco, ávido por sentido e pulsão, somente lê-se: *Caro Senhor J.,*



gostava de inventar



\_\_\_\_\_ nasceu \_\_\_\_\_ numa cidade-  
zinha à margem do \_\_\_\_\_ rio \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, ninguém podia imaginar que \_\_\_\_\_ um  
dia iria ser \_\_\_\_\_ grande \_\_\_\_\_). Até mes-  
mo porque não existia \_\_\_\_\_

Isso era coisa que ainda precisava ser inventada.

era capaz  
de observar bem a paisagem,

, a maneira de escrever. a linguagem  
uma forma  
jeito que elas falavam todo dia

nesse tempo, !

ia inventar um nome novo,

o seu tempo.

a vida lhe deu um tranco.

foi aprendendo

. Começou

Em pouco

tempo, inventou

Sua função era

procurar

acontecimentos interessantes. Sempre

que possível,

Conheceu

então todo tipo de gente.

volta e meia

Uma dessas histórias, sobre

lugarinho perdido.

em toda parte,  
inventava.  
Este livro que você vai ler agora é posterior.  
O manuscrito ficou perdido por uns tempos.  
à sua maneira.  
Exatamente como o título promete,

a narrativa de acontecimentos.  
A história se passa numa cidadezinha do interior  
um forasteiro que ninguém sabe de onde veio  
sem conseguir parar, querendo descobrir, mas sem conseguir imaginar  
parecem gente de verdade, como já vimos. Em vários livros, outros livros e outros autores.  
intertextualidade, espécie de conversa entre textos.  
Achava que seu colega francês era um exagerado e tinha vontade de mandá-lo para o inferno.  
Leia com atenção e veja se você descobre,  
será que o título do livro está certo?

*Leandro Serpa* **CAP. II |**  
**TYUCO: O QUE O MAR DEVOLVE**



Por volta das 08:30 da manhã sai para coletar argila na praia de Tijucas/SC. O rio lança no mar uma argila escura, de tom grafite, que os índios Carijós, ancestrais moradores da região, chamavam de Tyuco. O nome 'Tyuco', depois Tijuco, originou o nome Tijucas, dado ao rio e a cidade, onde resido, localizada a 60 km ao norte de Florianópolis/SC, no litoral catarinense.

Em função da argila e dos dejetos trazidos pelo rio, mas que o mar devolve à praia, o local é impróprio para banho.

Comenta-se que seria necessária uma grandiosa obra de dragagem do rio que permitisse que os dejetos e a argila Tyuco fossem então lançados no alto mar e não retornassem a costa, mas a obra jamais foi feita. A obra, chamada de 'molhes da boca da barra', é promessa de campanha de todos os que se candidatam a prefeito na cidade, porém, uma vez eleitos esquecem da promessa e ficam os ribeirinhos e pescadores artesanais a 'ver navios' com a esperança soterrada pela lama e pela miséria.

Bombinhas ao norte e Governador Celso Ramos ao sul são as 'pontas' do arco que compreende a bacia do rio Tijucas. São cidades prósperas, com belas praias e roteiro cobijado por turistas das mais diversas origens enquanto Tijucas vive mergulhada na lama.

A lama ou argila Tyuco que para muitos é sinal de miséria é também o retrato de uma ausência, ou melhor, a presença de uma ausência.

Não há relatos na cidade, não há pesquisas acadêmicas sobre os índios que aqui viveram e que nomearam nossa terra e nosso rio.

Provavelmente foram massacrados pelas sucessivas ondas de imigração e ocupação europeias. Primeiro os portugueses e os espanhóis em menor número, e depois alemães, italianos, polacos, dentre outras nacionalidades ocuparam a região.

Nas minhas veias, muito provavelmente corre o sangue índio nativo, mas também português arabizado ou judeu, ou

ainda espanhol, bem como germânico, italiano e polonês, ainda assim, dos verdadeiros donos desta terra nada sei.

Nomearam esta terra, mas foram consumidos por ela, soterrados pelo Tyuco que o mar não devolveu.

Desde a infância a praia de Tijucas foi, (para mim), um estranho mistério. Residia no interior da cidade, em uma região agrícola e extrativista, e raras vezes visitei a praia Tyuco na minha infância. Era um lugar cinza, de arbustos retorcidos, triste e melancólica memória que esboçaria em alguns escritos tempos depois.

Já na adolescência, quando trabalhei como entregador em um mercado do bairro Praça, litoral da cidade de Tijucas/SC, por diversas vezes passei pela Rua Beira Rio e pela Rua da Praia com minha bicicleta de entregador. Por diversas vezes cruzei a balsa para fazer entregas no bairro vizinho, do outro lado do rio, chamado por Sul do Rio, terra do escritor tijuquense Manoel dos Anjos.

Incontáveis vezes entrei na casa dos pobres, pescadores humildes, trabalhadores da terra e do mar.

Como suportavam o cinza da terra, o cinza do céu, o cinza do mar? Como resistiam ao vento seco e cortante vindo do mar?

Tyuco cheirava a vida em decomposição. Incontáveis, milhares de fantasmas podia contar.

Também sentia o cheiro de café circulando no ar, vindo da velha fábrica de café. Havia cheiro de milho misturado ao torrado café. Havia também o cheiro do peixe, do cardume capturado em alto mar pela indústria de pescados do bairro, da família Camargo, e também o peixe fresco do rio.

Quando chovia tudo parecia deitar sobre a gota, descansar na poça, nas beiras das estradas. Todos os cheiros pareciam decantar.

Sob o cinza Tyuco e o hálito insensível do mar cresceram muitos homens e mulheres que souberam enfrentar o cinza com esperança e engenhosidade enfrentando a adversidade, aproveitando o que o mar devolve.



A caixa é suporte para variados sentimentos, o que me fez refletir sobre a Vivian Maier, uma fotógrafa, por melhor dizer uma caçadora de momentos seus. Em uma foto existe um menino subindo em uma moldura de quadro para poder enxergar dentro de uma caixa, no meio de uma rua vazia e só podemos saber deste acontecimento por conta dos negativos de Vivian, que por sinal jamais foram revelados pela mesma. Centenas de momentos congelados no fio da existência e engavetados por anos. Ela nunca mais pode voltar lá.

Um dia uma pessoa resolveu revelar suas fotos, após a sua morte, fico pensando quantos momentos se perpetuaram nesta ação? Queria poder fotografar todos os meus momentos, seria uma tarefa incansavelmente impossível.

Corro um sério risco, isto é um pedido de ajuda e acho que Vivian não poderá me ajudar.

Não lembrarei das nossas idas ao bar, quando você sentou a minha frente e falou sobre planos que provavelmente agora não vá me lembrar. Ainda me lembro todas as vezes que me olhou, olhares que lançaram um motivo, do qual provavelmente não vou poder mais descrever. Todos os momentos estão se autodestruindo na minha mente, dia após dia. Me sinto presa nesse corpo corrupto de pensamentos, com sentimentos confusos por falta de provas. Eu devia começar a anotar? A obra que fiz anunciava “Cuidado Frágil”, eu menti para você, na verdade estamos lidando com o Descuidado.

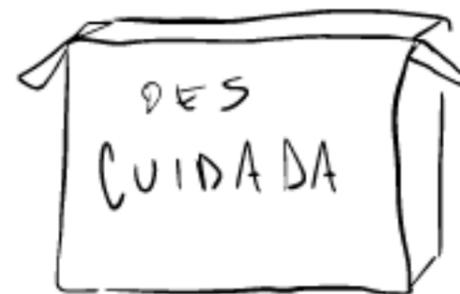
Aquele menino da fotografia de Vivian poderia olhar para seu futuro ou suas memórias. Nunca saberei ao certo, mas foi desta forma que me coloquei ali. Armei uma arapuca muito bem armada logo a minha frente.

Quando era pequena existia uma lenda na minha casa na qual todas as coisas que sumiam ficavam no meu baú, que é esta forma de caixa.

Talvez todos estes momentos estejam lá me esperando, entre meias de um só par, isqueiros, roupas, pilhas, retratos, dinheiro, brincos e tudo que nunca mais retornará Na existência presente.

E quem sabe um dia posso cantar com todas as letras “Hoje foi o dia em que abri as caixas e chorei, de saudades de minha infância e das coisas que lá deixei..diga que é easy, my girl...”. Eu não voltei dos anéis de Saturno, na verdade eu gostaria, mas perdi os bilhetes.





*Leticia Haines* **CAP. 13 |**  
**ELE MORREU NA PRAIA**



o alarme toca. ela abre os olhos, sem pensar muito seu dedo toca a tela: mais 5 minutos.

ela fecha os olhos. oferece ao sonho mais uma fatia de tempo. quantos sonhos cabem em 5 minutos?

o alarme toca novamente. ela repete o ato.

já não fica nítido o limite entre um pensamento em repouso e um sonho em um espaço meio vazio da mente.

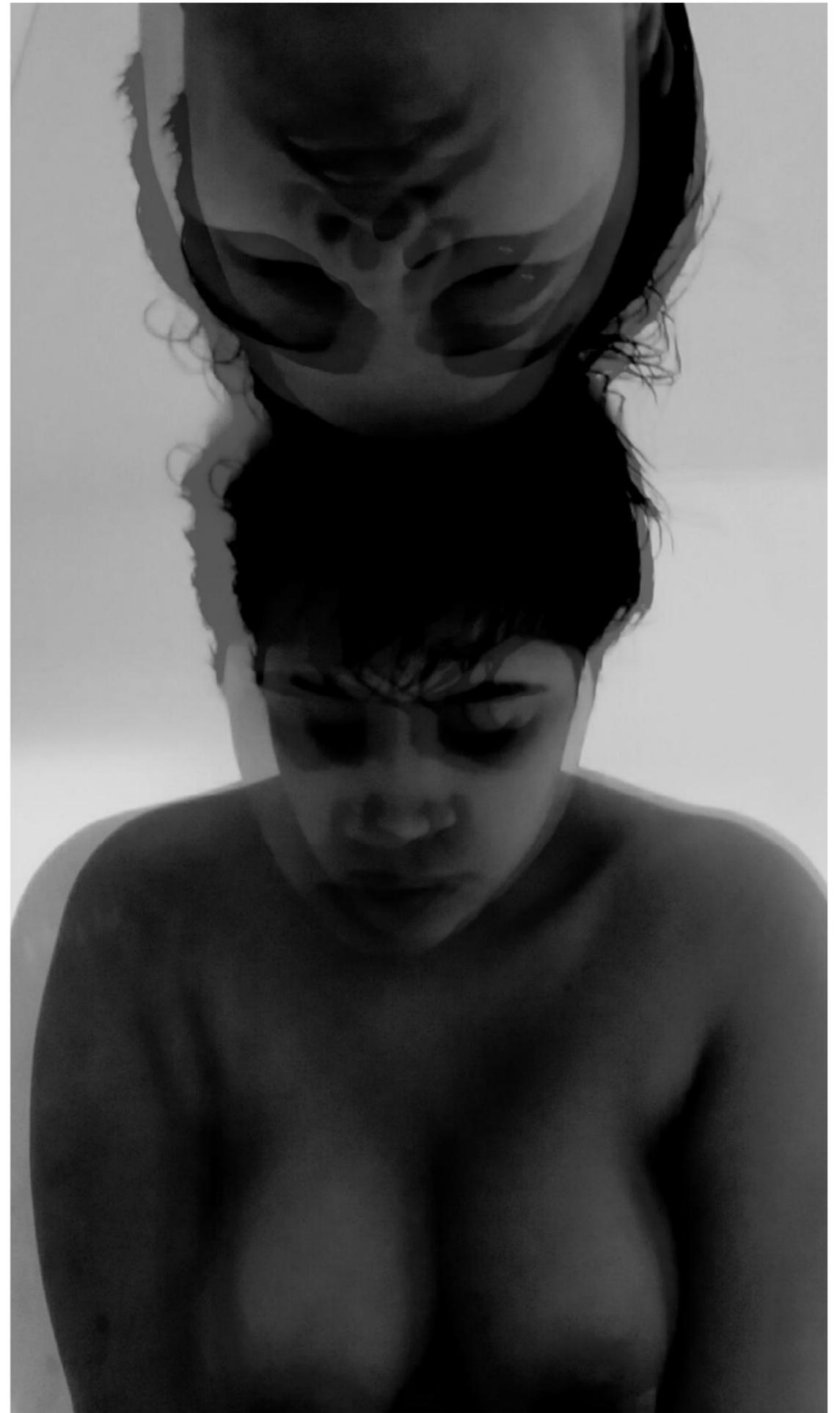
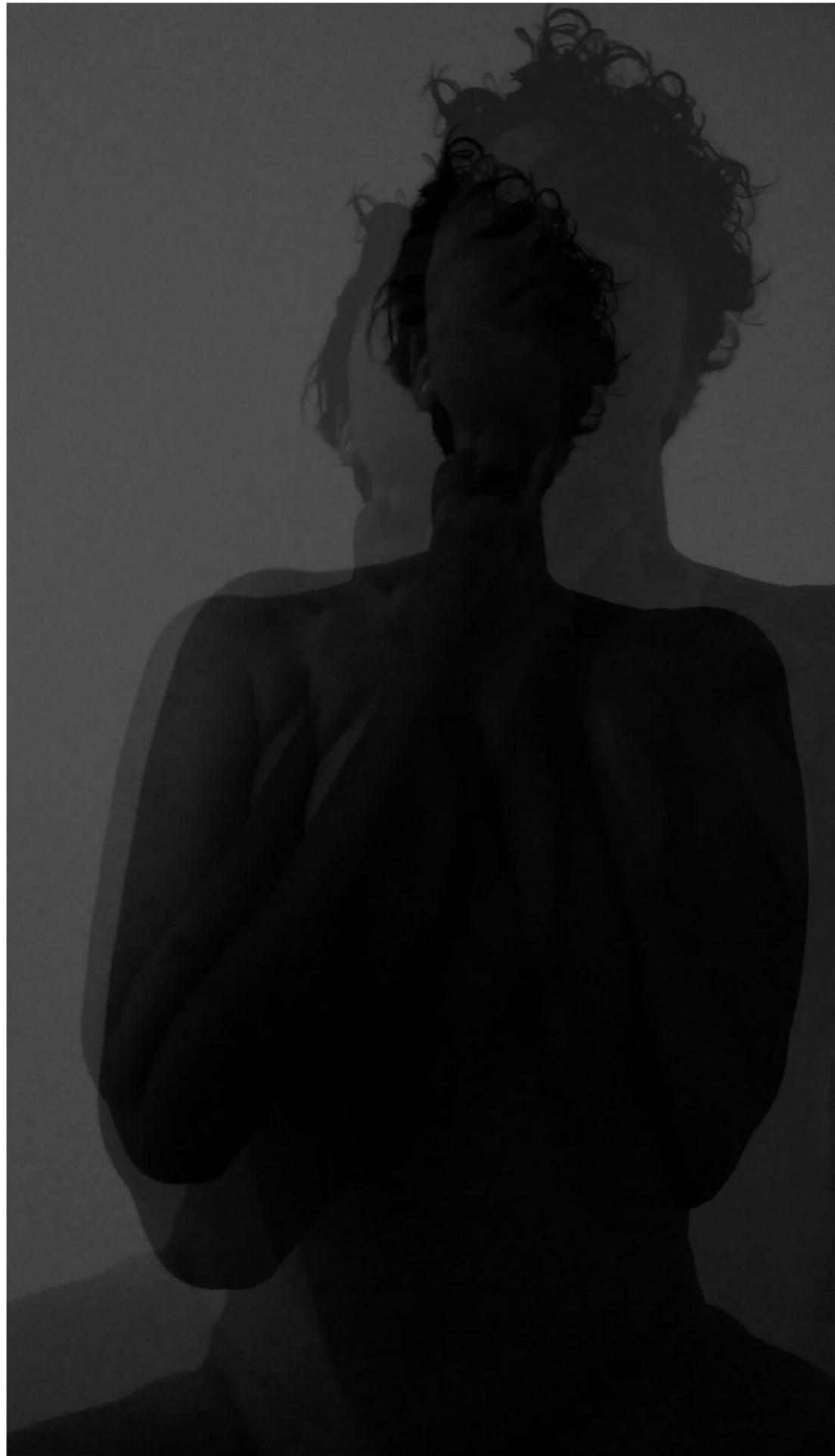
mais uma vez, o telefone começa a soar. mais um toque na tela. “não posso perder o desfecho desse sonho”.

ao fundo, o alarme toca novamente. dessa vez, a fatia de tempo é devorada com uma pitada de culpa. começam a surgir no sonho as tarefas que ela precisa completar.

ela fecha os olhos...

Logo a caixa ficará pequena. Começou a se apegar àquelas pequenas criaturas. Acariciava suas penas...







*Luanda de Oliveira* **CAP. 15 |**  
**(SOBRE O CALENDÁRIO,**  
**ANTES QUE EU ME ESQUEÇA)**

Foi durante as escavações na cozinha que descobri um dos itens mais intrigantes de toda a expedição: uma folha de papel encontrada no espaço entre um dos armários e a parede. Seu excelente estado de conservação, apesar dos níveis de umidade do local, foi a primeira característica desconcertante identificada no papel, e superada apenas pela estranha narrativa nele contida. Algumas das classificações possíveis para o objeto são: um calendário de parede sobre o qual foi escrito um texto; o desenho de um calendário de parede do qual faz parte um texto; um livro em doze capítulos em forma de calendário; um jogo de doze casas usado para a construção de um texto.

Há, ainda, muitas outras possibilidades, mas creio que, para não tornar este relato muito extenso, a melhor alternativa seja deixar a categorização a seu critério. Portanto, envio-lhe também o fac-símile do item:



( X X X X )



1 A Tecelã não queria ser incômoda. Escondeu o rosto entre os cabelos e trabalhou até se entediar.

2 A Jogadora inventou novas maneiras de passar os dias. Parecia ser inteligente, mas era má perdedora, e a diversão acabou.

3 Então a Viajante disse que ela precisava aprender a errar. Depois disso, sumiu por um tempo.

4 Até que a Arqueóloga chegou do sonho, juntando pedaços com seus métodos estranhos. Há dias em que fica apenas encarando as paredes.

5 E às vezes escava até seus dedos sangrarem. As gavetas estão sempre cheias de impossibilidades.

6 Coisas de madeira e de vidro, de plástico e de algodão, de passado e de futuro. Tudo que os outros deixaram.

7 Coisas que nunca estariam juntas se não fosse pelo acaso da existência de uma personagem.

8 Ela não sabe onde os outros acabam e ela começa. Então guarda tudo, para não arriscar jogar fora uma parte de si.

9 A casa está cada vez mais pesada, e as coisas são cobertas por uma viscosidade acolhedora e repulsiva, impossível de se lavar.

10 Ela quer preservar todas as relíquias visuosas, para que ninguém se esqueça das personagens, e a história nunca termine.

11 Mas também quer reformar a casa e expulsar os fantasmas. Guardar tudo em caixas e esquecer, para poder recomeçar.

12 Escolher do que lembrar e do que esquecer. Essa impossibilidade não cabe em gavetas. Ela só consegue existir em papel.

As palavras do calendário ficaram gravadas em minha mente por algum tempo, após incontáveis leituras. Mas agora, quando tento falar sobre ele, os nomes das personagens já me escapam, e não consigo explicar do que trata a narrativa, embora tenha a impressão de algum dia já ter sido capaz de compreendê-la.

Conforme percebo a tinta das palavras clarear pouco a pouco, rumo à inevitável desaparecimento do texto, receio ter tocado em algo que talvez nunca devesse ter sido retirado de seu lugar. Creio que em breve já não serei capaz de recordar minha convivência com o objeto, ou parte alguma dos doze quadrantes, cuja narrativa começa a adquirir os contornos de um sonho: arrebatador nas primeiras horas do dia, praticamente já esquecido às cinco da tarde. À noite, reviro as gavetas, encontro um fundo falso após outro, e escavo até meus dedos sangrarem.







\*

Pode ir, mas com calma. Tem que ir para aquele lado. Logo abaixo da superfície. A gente deu duro. Vamos conseguir, continue. Penso nunca desistir, nunca ser derrotado. Todo o trabalho que deu valeu a pena. Esse é mais um passo na direção certa. Tenho que ser criativo nesse projeto. Aquilo lá não está com uma cara boa. Quando eu faço o que vem na minha cabeça eu altero a realidade. Será que vai estar muito ruim lá embaixo? Provavelmente mais uma experiência desagradável a ser superada.



\*

Quero que o buraco fique fundo e largo. Vou retirar pedaços. Muitas vezes não tenho as ferramentas certas para trabalhar. Vou descer mais e perfurar buracos. Eles estão aqui, só preciso perfurar buracos e enfiar as linhas. Assim aumento as chances. A temperatura vai cair. Mais um buraco pronto para receber outra linha. Agora faltam três buracos e três linhas. Vou esperar para ver o resultado. É complicado, os ângulos estão mudando muito. É difícil ter que fazer isso sozinho. Mas depois que eu fechar completamente ele deve ficar seguro. Se eu cometer um erro tudo vem abaixo. Mais um dia aqui fora, vou checar os buracos e torcer para dar certo, espero não perder. Droga, a linha arrebentou.

\*

Improvisei. Se der certo vai ser maravilhoso. Estou conseguindo. Não vai demorar. Droga. Rebentou. Preciso dar um tempo, estou em fúria. Eu não consigo superar isso. Sei que é nessa hora que os níveis de energia se esgotam e isso faz com que surjam mais pensamentos negativos. Fiquei sem energia e sem vontade de continuar. Preciso me concentrar em outra coisa. Vamos lá. Se eu não dominar essa técnica não tenho como alcançar o meu objetivo aqui. Não posso me dar ao luxo de perder de novo. Eu consegui. Finalmente. Deu trabalho, mas vou parar de me exibir. Eu tinha um objetivo, valeu o esforço. Concentrei no básico, mas agora virei a página e vou explorar mais. Sinto que preciso expandir meus horizontes. Literalmente. É um território desconhecido, mas não vou perder o rumo.

\*

Estou me segurando com dois dedos. Vou ficar aliviado quando esse trabalho terminar. E não pretendo cair. Mais um dia divertido. Nunca pensei que estaria aqui em cima vendo tudo acontecer. Mas não pretendo voltar aqui. Isso merece uma grande celebração por concluir o que não sabia ser possível. Não sabia do estresse de se viver lá. Devia ser um grande choque para eles.

\*

Funcionou super bem. Meus braços estão perfeitos. Após alguns ajustes estou ansioso para colocar em prática. Vou pegar e enterrar. Sou muito engenhoso. Eu crio coisas e com a minha cabeça eu consigo transformar uma ideia em realidade. Vou testar. Parece que funciona.

\*

Não aguento mais isso. Cada dia que passa faço menos coisas. Dói demais me mexer. Não consigo. Não dá certo. Chegou ao ponto que é impossível ter controle com as entranhas expostas aos elementos. Eu preciso de um ambiente mais estável para ter a vida que mereço, poder me movimentar e viver a vida. Continuar é muito difícil. Nunca imaginei que ficaria assim, nem em mil anos.

\*

Preciso usar outro sistema. Assim não perco outros. Não é tão simples, tem muita coisa envolvida. Eu tenho que pensar como fazer. Preciso de uma abertura, mas não quero que entre muito ar, só o bastante para eu poder passar. Eu nunca fiz isso antes, mas estou indo bem, só preciso continuar. O medo me mantém seguro. Eu não estou esperando que isso seja fácil. Nada na minha vida é.

\*

Isso é muito frustrante. Eu sabia que ia ser complicado. Quando isso começou parecia divertido e desistir não é da minha natureza. Não dá para ser derrotista. Meu lema é nunca me render, nunca desistir. É muito reconfortante quando decido uma coisa e a faço. Passei muitos momentos difíceis, mas havia uma chama dentro de mim dizendo para seguir em frente. Agora é a vez de admitir a derrota. Não vale mais a pena.

\*

Aqui não tem dia de folga. Se eu não fizesse isso teria que entrar de costas e não seria muito eficiente. Esse pedaço se soltou de forma natural. Meu braço é muito pequeno. Vou fechar a porta e deixar o mundo fazer o que quiser lá fora. Um passo de cada vez. Preciso passar isso e seguir em frente. Vou andar e pelo menos tentar achar alguma coisa. Achei, é muito grande, a terra tem um jeito estranho de cuidar de você. Tem um cheiro estranho, mas é cheiro de sucesso.

\*

Eu não me importo em admitir que estou morrendo de medo. Mas estou sentindo cansaço e a urgência de seguir em frente. Difícil relaxar, mas não posso ficar flutuando aqui a noite toda. Devo seguir em frente. Acho que está bem, vai ser um pulo bem grande, mas tenho que tentar. Parece que as luzes se apagaram. É meio angustiante. É simplesmente impossível dizer onde está agora. Essas pedras são muito escorregadias. Vou perder terreno, mas não vale a pena. É assustador. Não vale a pena subir. Não existe trapaça em sobrevivência.

\*

Neste momento estou decidindo o meu destino. Isso aqui não é passeio num parque, tudo pica, arranha ou morde. Dá para ver que eles passaram por aqui, sinto o cheiro. Todos eles estão passando por essa trilha, é o território deles. Lá vem um. Agora, tenho que ser paciente. Acho que acertei, mas nada de sangue, meu coração quase saiu pela boca. Estou lidando com esse desgosto. A oportunidade era a melhor possível, mas agora sinto irritação. Que desanimador. Isso é péssimo.

\*

Tudo neste lugar pode te matar. Isso é como se fosse uma batalha, nunca acaba. É hora de partir. Parece que ninguém passou por aqui. Vou tirar a parte que está podre. Vou fazer o possível para não agitar e pegar só da parte de cima. Antes tenho que cortar tudo direitinho. É uma operação precisa. Tem que entender um pouco de anatomia. Pronto. Ainda não acabou. Desde que eu peguei o corpo eles sumiram. Tem umas bolhas subindo. Está estreito demais aqui. Eu queria ir mais para o fundo. Isso não é engraçado. Sinto a privação do sono. Tem muitos perigos por todos os lados. Você não vai querer que algo aconteça de repente só porque você não estava alerta. Não é nem um pouco fácil. Aqui não tem nada de mão beijada. Esse lugar é implacável.

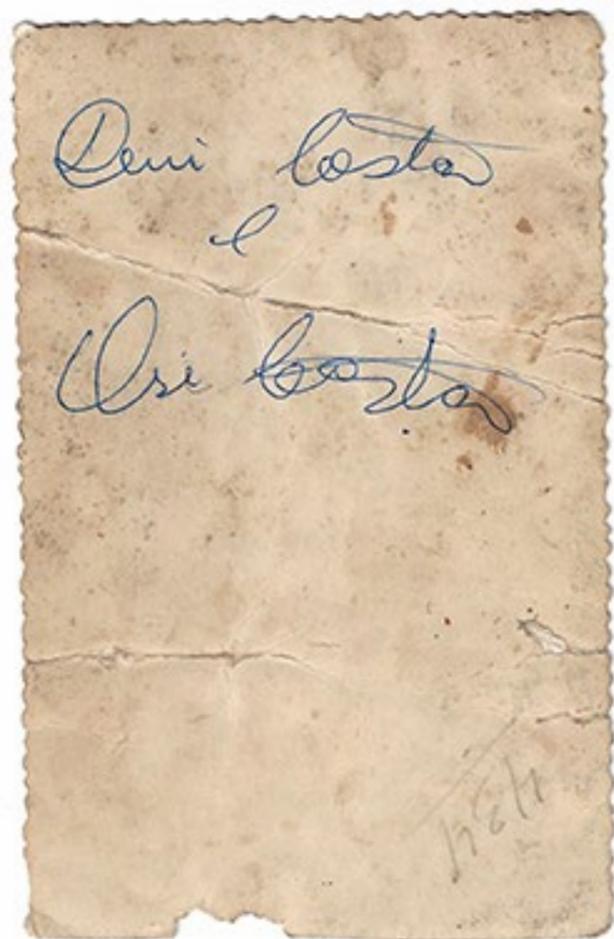
*Odete Calderan* **CAP. 18 |**  
NO ENTORNO NO CONTORNO













Lembrança de  
Bonfí por pouco  
o ileites Yactius  
no dia 27/10/66  
Yucema, Jhuiz  
& Tailomas



Alma  
Lembrança  
de Pio Grande  
Ely e Gzi

**Aionara Preis** é Doutoranda em Artes Visuais na linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/ UDESC). Tem pesquisas em cerâmica, poéticas de criação, abordagens metodológicas, fotografia, escrita, restauração e publicação de artista. Toda a construção visual do trabalho RETRATO FALADO, circula em torno da criação da identidade de um personagem que fica entre o real e o imaginário. As referências para a construção deste personagem partem da tentativa de ler o mundo real como uma obra de ficção, embaralhando os elementos que configuram as características e encargos da figura Senador enquanto representante político e da figura do sabonete Senador. Com estes elementos, estima-se que a leitura possa construir uma espécie de coerência interior onde o leitor decide o que é imaginário e o que é real.

**Anna Moraes** (1988) é artista visual, doutoranda em Artes Visuais (2020) pelo PPGAV/UDESC, pós-graduada em Gestão Cultural pelo Senac/ SP (2016), mestra e bacharela em Artes Visuais pela UDESC (2019 e 2013). Vive em Florianópolis/SC. Pesquisa o desenho contemporâneo em relação ao espaço, narrativas e suportes. Seu processo artístico é baseado na investigação de possibilidades de desenho por meio de linhas, traços, fios e camadas que geralmente respondem à localização e interação com a paisagem. O TEMA DA ARTISTA SÃO EMOÇÕES E

IDEIAS é uma série de desenhos e escritos realizados ao longo de um semestre com reflexões de temas abordados na disciplina “Formas de Narrar: entre imagem e escrituras”, que contemplou estudos de artistas, obras literárias, autobiografias, narrativas e ficções.

**Barbara Paul** é uma artista multimídia, pesquisadora e educadora brasileira de 30 anos que nasceu em São Paulo - SP, mas atualmente vive e trabalha na cidade de Londrina - PR. Já participou de exposições em diversos estados do Brasil, Europa e Estados Unidos e sua produção atualmente investiga as relações familiares, as dificuldades de convivência e as memórias de infância e adolescência por meio do desenho, instalação, objetos de arte, fotografia, desenho e qualquer linguagem que servir para materializar suas narrativas. A MEMÓRIA É PELUDA E O PASSADO É PELADO - A memória é peluda porque é conforto e acúmulo, marca a passagem do tempo e é cobertor, ela é estrada, caminho, um lugar entre tantos lugares que nos constituem. Ela também é casa porque é retorno, para onde se volta mais uma e mais uma vez, é paraíso perdido e também uma dorzinha que não cessa de latejar.

**Carlos Ferro** (1998); Mestrando em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2020-atual). Graduado em licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG (2020). Pesquisa a relação contínua entre corpo e matéria, no qual o gesto como um meio, atua como uma ação corporal incisiva e também como um acontecimento. DESENHE COMO SE LÊ trata-se de pequenos desenhos que procuram operar entre a materialidade da palavra e a mancha gráfica, desenhando como se lê: peso, massa, carga, cheio. Esses desenhos são resultantes de golpes, gestos e ações realizadas de uma tacada só, *alla prima*, encarando o papel como matéria e não apenas suporte.

**Edson Macalini** – Artista Visual. Doutorando e Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV / UDESC – SC, Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP / UNESPAR. É professor de desenho na Universidade Federal do Vale do São Francisco – CARTES/ UNIVASF - Juazeiro/BA. Pesquisa desenho, artes e natureza dos lugares visitados, cria intersecções híbridas, registros de percursos, coletas materiais e imateriais, deslocamentos geográficos, narrativas e fricções

entre humanidades e meio ambientes, decorrências de abstrações que se revelam reais e ficcionais [...] Em CORRE O RISCO AO RABISCAR, as imagens e textos transcritos e digitalizados fazem parte de anotações e registros que se encontram nos cadernos de desenhos e escritas ocorridas na disciplina “Formas de Narrar: entre imagem e escrituras”. Estes cadernos foram criados em ações de procedimentos artísticos, no ato da aula, registrados ao modo que se apresentaram, sem edições, correções ou apagamentos.

**Elenize Dezgeniski** (1981) é artista visual, fotógrafa e atriz. Mestranda em Artes Visuais na Linha de Processos Artísticos Contemporâneos pela UDESC, Especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea pela EMPAB e Bacharel em Interpretação Teatral pela FAP. Os principais temas em seus trabalhos são a memória, a palavra, a afetividade e o corpo. Sua obra é apresentada em fotografias, vídeos, instalações, performances, práticas curatoriais, publicações e inserções em discursos/circuitos híbridos. DESFAZER-SE COMO SAL NA ÁGUA é um experimento de edição que investiga as formas de narrar nos trânsitos entre palavra, memória e imagem.

**Janaína Baptista** é uma artista que passeia por diversas linguagens como o Teatro, a Performance, as Artes Visuais e a Música. É mestranda com bolsa CAPES no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/RJ), mesma instituição onde se licenciou em Teatro. É professora licenciada pela Universidade Cândido Mendes (UCAM/RJ) e foi aluna e monitora bolsista em diversos cursos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage onde se envolveu sobretudo com a prática da gravura. Seu interesse atual está voltado para os possíveis desdobramentos narrativos da memória individual a partir de uma prática artística autofágica facilitadora de fissuras nos discursos oral e imagético. RAÍZES é o resultado de um processo artístico pessoal autofágico que se desdobrou em enraizamentos que falam sobre a memória do feminino ancestral e de seus esquecimentos e escoamentos.

**Joanna Brolhani** é artista visual, designer de moda pela Universidade Positivo (UP) e mestranda em Teoria e História da Arte pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Também fazem parte de sua formação as passagens pelas graduações de Artes Visuais – Licenciatura

e Psicologia, ambas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em sua prática poética de desenhos e pinturas abstratos é movida por fluxos da natureza, biológicas do corpo e do mundo. Em (O QUE ENTREGUEI À ÁGUA) desenvolve colagens de imagens e de diálogos com Pablo Neruda, Virginia Woolf e Sophia de Mello Breyner Andresen; um mergulho em uma natureza viva e pulsante através de percursos oníricos de águas doces e salgadas.

**Jonathan Taveira Braga.** Doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina na linha de pesquisa Ensino de Artes Visuais; Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho na linha de pesquisa Linguagem – Experiência – Memória – Formação; Graduado em Educação Artística, Licenciatura em Artes Plásticas, pela Universidade Federal do Paraná; Professor de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina/ Campus Criciúma; Artista visual e pesquisador, atuando a partir dos seguintes temas de investigação: processos de subjetivação, escrita, formação e experiência. O INQUILINO é uma narrativa verbo-visual, considerando perspectivas inventivas e ficcionais na fabulação de si.

**Katharine** Nóbrega da Silva (Campina Grande, PB, 1986) é bacharela em Jornalismo (UEPB), licenciada em Artes Visuais (UEL) e especialista em Fotografia (UEL). Atualmente é bolsista CAPES como tutora virtual na UFRPE no curso de Artes visuais com ênfase em Digitais. Começa sua carreira trabalhando com música, fotojornalismo e editoração de impressos, em seguida começa a lecionar e se entender artista. A partir de então pesquisa diálogos entre palavra, imagem, comunicação e arte a partir da experiência, do toque, da troca e da voz, sendo o livro, um de seus suportes preferidos. GOSTAVA DE INVENTAR é o processo da procura de uma personagem através do exercício da reescrita, ou seja, da intervenção em outros textos, mas desta vez sob a influência das conversas e discussões sobre o procedimento de Raymond Roussel.

**Leandro Serpa.** Tijucas/SC (09/12/1983). É Bacharel em Artes Plásticas pelo Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestre em Ensino das Artes Visuais e Doutorando em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UDESC. É artista visual, escritor, professor e pesquisador. Participa de exposições coletivas e individuais desde o ano de 2005. Foi

premiado com o Projeto “Fanáticos” no Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo a Cultura - 2013. Entre 2016 e 2018 foi professor de Gravura na Unochapecó. TYUCO: O QUE O MAR DEVOLVE é um projeto que discute o apagamento, da memória e história, dos índios que povoaram o vale do rio Tijucas, ancestrais cuja presença se mantém viva no nome dado a cidade e ao rio da região.

**Leila Pessoa** é artista visual formada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestranda em Artes Visuais na área de Poéticas Visuais, dentro da linha de pesquisa Desdobramentos da imagem, no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. FACA NA MANTEIGA. Neste trabalho faço interlocuções com o trabalho de Vivian Maier, que dentre suas obras fotografou um menino subindo uma caixa e admirando o conteúdo. Me coloco neste lugar de olhar para este local inexistente, este momento. O espaço vazio transforma-se em uma espécie de contemplação para a memória, no qual me transporto.

**Letícia Haines** é licenciada em Artes Visuais pela UDESC. Mestranda em Artes Visuais pelo PPGAV-UDESC. Pesquisa e busca práticas de arte-vida decoloniais e que possibilitem (re)existências poéticas/políticas. Interessada em experimentações artísticas e educativas que atravessam questões sobre o corpo em suas relações com paisagens, regimes disciplinares, outros corpos, afetos etc. ELE MORREU NA PRAIA nasce dos exercícios poéticos propostos na disciplina Formas de Narrar. São fragmentos que mostram o percurso de construção de uma personagem que passeia por tempos não lineares entre realidade/ficção. Há rastros autobiográficos combinados ao flerte com trabalhos de Vivian Meyer e Sophie Calle.

**Letícia Honorio** é graduada em Artes Visuais Bacharelado, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestranda em Artes Visuais, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atualmente sua pesquisa trata do Artivismo e Subjetividades de Mulheres Negras na Arte Contemporânea Latino-Americana. NARRATIVAS DO OUTROEU. Pensar no “inquilino do meu corpo” (VILA-MATAS, 2013), e as narrativas que circundam esse devir, me fez mergulhar para um interior mutável e efêmero, onde (des) construo-me perante o eu e o outro, visito os diversos inquilinos que

meu corpo abriga. As experimentações nascem na tentativa de captar esses lapsos que invadem o exterior e se constituem quanto meu corpo no agora.

**Luanda de Oliveira Rainho Ribeiro** (Rio de Janeiro, RJ, 1991) é mestranda bolsista CAPES em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2020 -), e artista visual. Produz narrativas ficcionais a partir do desenho e da escrita, tendo como referências a ilustração científica e a literatura fantástica. Como **Luanda Olívia**, realizou as exposições individuais Jardim nº 0 (Memorial Meyer Filho, Florianópolis, 2014) e Arqueologia do impossível (Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchiatti, Florianópolis, 2019). O texto (SOBRE O CALENDÁRIO, ANTES QUE ME ESQUEÇA) integra uma pesquisa sobre tempo, memória e fabulação no ambiente doméstico

**Luiza Reginatto** é mestranda em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde também cursa o Bacharelado em Artes Visuais. Em seu trabalho se desdobram relações entre memórias, materiais e paisagens reais e imaginárias, pesquisando recursos gráficos, instalação e a relação com o corpo no espaço. Apresentou seu trabalho em exposições coletivas e na individual “Como conter horizontes” na Fotogaleria Virgílio Calegari, em Porto Alegre. DIAS AZUIS (homenagem a L.B.) 2020. Letraset e retalhos de linho. Dimensões variáveis (aproximadamente 30 cm x 100 cm) é um trabalho sobre sonhos, memórias e escritas erradas.

**Marta Lúcia Pereira Martins** (Livramento, RS, 1962) é graduada em Educação Artística pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1988), Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995) e Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005). É professora no Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina atuando na Graduação e no PPGAV nas seguintes áreas: Desenho, Teoria da Modernidade, Literatura, Arte Contemporânea, Teoria da Imagem, História e Crítica da Arte e Fotografia. É artista visual, ensaísta, narradora de ficção e fotógrafa. Foi premiada por Edital da Funarte na categoria de Estímulo a produção crítica, em 2012. Publicou “Narrativas ficcionais de Tunga”, pela Editora

Apicuri do RJ em 2013 e “Quase coisa nenhuma”, pela Cultura&Barbárie de Florianópolis em 2018. Fez pós doutorado com pesquisa sobre a poeta e artista visual Ana Hatherly, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2018. SUPER-AÇÕES é um apanhado de textos curtos de ficção e um desenho produzidos ao longo de 2020, concomitante as aulas que ministrei no PPGAV do CEART UDESC, na disciplina: “Formas de narrar: entre imagem e escritura”, no segundo semestre do mesmo ano.

**Odete Calderan** é doutoranda em Artes Visuais na Linha de Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC. Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM. Graduação em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM. É professora do Curso de Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura, da Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC. Participa do Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas (UDESC/CNPq) e Grupo de Pesquisa em Arte (GPA/ UNESC/ CNPq). NO ENTORNO NO CONTORNO foi organizado por afinidades ou decisões, esse conjunto de elementos que tem sua origem em um tema básico - a terra - acaba por ser diferente pela modelagem, modulações e registros, e coloca frente a frente um jogo de padrões e preceitos de procedimento, em um exercício de ordenação e resultado.

**Priscila Costa Oliveira** (1990) É artista, curadora e pesquisadora. Coordena o podcast VER.SAR e integra o Coletivo Ka. Atualmente Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa (UDESC), onde integra o programa RADIOFONIAS e o grupo de Pesquisa Proposições artísticas contemporâneas e seus processos experimentais. Em 2020 participou do Sesc ConVida, realizou oficinas de arte junto a população de rua na passarela da cidadania pelo Instituto Arco Íris e coordena o simpósio Arte, Maternagem e Feminismos do Seminário Internacional Fazendo Gênero. [DES] NARRATIVA FAMILIAR é um mergulho que faço no álbum da minha família colocando os rostos de homens [tio, primo, vô] sobre o rosto de mulheres [tia, prima, vó]. A foto colagem propõe uma narrativa ficcional que coloca os homens retratados com crianças ou com gestos de afetos.

AIRA, Cesar: **Pequeno Manual de Procedimentos**. Curitiba: Arte e Letra, 2007.

\_\_\_\_\_: **Um acontecimento na vida do pintor viajante**. RJ: Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_: **Evasión y otros ensayos**. Buenos Aires: Literatura RandomHouse, 2018.

ARLT, Roberto. **O brinquedo raivoso**. SP: Iluminuras, 2013.

ATWOOD, Margareth. **A Tenda**. SP: Rocco, 2006.

AUSTER, Paul. **O caderno vermelho**. SP: Companhia das letras, 2009.

BATAILE, Georges. **O nascimento da arte**. SP: Ed Sistema Solar, 2015.

BELLATIN, Mario. **Flores**. SP: Cosac & Naify, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, volume I. SP: Brasiliense, 1985.

BERLIN, Lucia. **Manual da faxineira**. Contos escolhidos. Tradução de Sonia Moreira. SP: Companhia das Letras, 2017.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. RJ, Rocco, 1987.

BOOT, Chris. **Magnum Stories**. Londres: Phaidon, 2004.

BURUCUA, José Emílio. **Historia, Arte, Cultura**. De Aby Warburg a Carlo Ginzburg. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2003.

CORTÁZAR, Julio. **Histórias de cronópios e de famas**. RJ: Civilização brasileira, 2009.

De Campos, Haroldo: **Galáxias**. SP: Editora 34, 2004.

DAVIS, Lydia. **Tipos de perturbação**. SP: Companhia das letras, 2013.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da Imagem**. Petrópolis, Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles: **Conversações**. SP: Ed. 34, 2000.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem Sobrevivente**. Historia Da Arte E Tempo Dos Fantasmas Segundo Aby Warburg. SP, Contraponto, 2013.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. SP: Papirus, 1994.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. RJ: Relume Dumará, 2002.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. Lisboa, Vega, 1995.

HALFON, Eduardo. **O Boxeador polaco**. RJ: Rocco, 2014.

HATHERLY, Ana. **A Idade da Escrita e Outros Poemas**. SP: Escrituras, 2005.

HERNÁNDEZ, Felisberto. **O Cavalo perdido e outras histórias**. SP: Cosac & Naify, 2006.

\_\_\_\_\_ **Las hortênsias**. Montevideú: Badinel, 2017.

KOSSOY, Boris. **Viagem pelo fantástico**. SP: Ed. Cosmos, 1971.

\_\_\_\_\_ **Realidades e ficções na trama fotográfica**. SP: ateliê editorial, 2009.

KRAUSS, Rosalind. **O fotográfico**. Barcelona, GG editora, 2013.

JAMES, Henry. **A arte da ficção**. SP, Imaginário, 1995.

LADDAGA, Reinaldo. **Literaturas Indigentes y placeres bajos**: Felisberto Hernández, Virgilio Piñera, Juan Rudolfo Wilcock. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 2000.

LOPES, Adília. **Antologia**. SP: Cosac&Naify, 2002.

MAIER, Vivian. **Uma fotógrafa de rua**. Editado por John Maloof. Prefácio de GeoffDyer). Autentica, 2014

MARQUES, Maria Eduarda. **Mira Schendel**. SP, Cosac&Naify, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. Editora Contexto, São Paulo, 2013.

MARTINS, Marta. **Narrativas ficcionais de Tunga**. RJ: Apicuri, 2013.

\_\_\_\_\_ **Quase coisa nenhuma**. Fpólis, Cultura& Barbárie, 2018.

\_\_\_\_\_ **Morfologias do erotismo**. In: Tunga: o corpo em obras. SP: MAM, 2017.

MICHAUX, Henri. **Antologia**. Lisboa: Relógio d'Água, 2007.

MURAKAMI, Haruki. **Romancista como vocação**. SP: Alfaguara, 2017.

NOLL, João Gilberto. **Mínimos, Múltiplos, Comuns**. SP: Francis, 2003.

PAULS, Alan. **A vida descalço**. SP: Cosac & Naify, 2013.

PEDROSA, Mário. **Discurso aos Tupiniquins ou Nambás**. Cadernos Ultramares. Lisboa, 2020.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**. Notas para uma vida não cafetinada. N-1 Edições. 2019.

ROTH, Philip. **A humilhação**. SP: Companhia das letras, 2009.

ROUSSEL, Raymond. **Locussolus**. Fpólis, Cultura&Barbárie, 2017.

SEBALD, W.G. **Os emigrantes**. SP: Companhia das letras, 2009.

SMITH, Patti. **Linha M**. SP: Companhia das Letras, 2016.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. SP: Companhia das Letras, 2004.

STIGGER, Veronica. **Gran Cabaret Demenzial**. SP: Cosac & Naify, 2007.

SVEVO, Italo. **Argo e seu dono**. Berlendis editores, 2001.

TAVARES, Gonçalo. **A máquina de Joseph Walser**. SP: Companhia das Letras, 2010.

TUNGA. **Caixa Tunga**: (Encarnações miméticas; Se essa rua fosse minha; A prole do bebê;Truerouge;Lúcidonigredo;Olho por olho) SP: Cosac & Naify, 2007.

\_\_\_\_\_ **Barroco de Lírios**. SP: Cosac & Naify, 1997.

Do Vale, Paulo Pires. Ana Hatherly e o barroco. Lisboa, Gulbenkian, 2017.

VILA-MATAS, Enrique. **Bartleby e companhia**.SP:Cosac& Naify,2004.

\_\_\_\_\_ **História abreviada da literatura portátil**. SP: Cosac & Naify, 2011.

\_\_\_\_\_ **Não há lugar para a lógica em Kassel**. SP: Cosac & Naify, 2015.

\_\_\_\_\_ **Mac e seu contratempo**. SP: Companhia das letras, 2018.

Handwritten text in a cursive script, likely a list or a series of entries, arranged in approximately 25 horizontal lines. The text is dense and difficult to decipher due to the cursive style and some fading. It appears to be a collection of names or identifiers, possibly related to a historical or administrative record.